

O JOSÉ DE SARAMAGO: A BÍBLIA REVISITADA

THE JOSEPH OF SARAMAGO: THE BIBLE REVISITED

Simone Pinheiro ACHRE¹

Saulo Gomes THIMÓTEO²

RESUMO: As pesquisas que têm como enfoque a obra *O Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991), do escritor português José Saramago, recaem usualmente sobre personagens ditos “centrais”, tanto no romance quanto na história bíblica: Jesus, Deus, o Pastor e Maria de Magdala. Desta maneira, acabam por estabelecer a personagem José como personagem secundária. Entretanto, verificou-se a necessidade de aprofundar os estudos referentes a essa personagem. Assim, o presente trabalho apresenta um estudo voltado para os elementos textuais e psicológicos, utilizando-se, para isso, de estudos teóricos e da crítica saramaguiana. Pode-se perceber que Saramago, ao erigir uma personagem mergulhada na tradição cristã (o pai de Jesus), problematiza-a e confere-lhe status de protagonista. Desse modo, a personagem José é resgatada de seu “apagamento” para cumprir uma simbologia primordial no romance: o sentimento de culpa. Sentimento este que, para o autor, seria o principal instrumento de manipulação do cristianismo.

Palavras-chave: evangelho; José; José Saramago; personagem.

ABSTRACT: The researches that focused the work *O Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991), of the Portuguese writer José Saramago, usually about characters considered “main” in the novel and in the biblical history: Jesus, God, the Pastor and Mary Magdalene. In this way, establish the character Joseph as secondary character. However, there is a need to make deeper a study concerning this character. So, this work presents a related study to the textual and psychological elements, using, for this, theoretical studies and critical about Saramago. It can be realized that Saramago, to build a character turned to the Christian tradition (Jesus’ father), discusses it and promotes him with a protagonist status. Thus, the character Joseph is rescued from his "erasure" to fulfill a primordial symbolism in the novel: the feeling of guilt. This feeling, for the author, would be the main instrument of manipulation of Christianity.

Keywords: gospel; Joseph; José Saramago; character.

Gênesis: estabelecendo uma leitura

A obra saramaguiana *O Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991) já foi objeto de estudos sobre sua narrativa, seu conteúdo e ainda suas personagens tidas como centrais, como

¹ Graduanda em Letras, Licenciatura em Português e Espanhol, da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, campus Realeza-PR.

² Doutor em Letras (Literatura Portuguesa), pela Universidade de São Paulo – USP; Professor Adjunto I na Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, campus Realeza-PR.

é o caso de trabalhos que analisaram Jesus, Maria, Maria de Magdala, Deus e o Pastor. Porém, pouco se trabalhou acerca de outra personagem do romance, que cumpre um papel fundamental para o desenvolvimento do enredo, a saber, a personagem José. Centrando-se nesta personagem, este trabalho envolverá questões que norteiam o processo de criação, que se inicia antes da escrita, no emaranhado que forma a visão do autor e se propaga na visão do outro. O ato de criar tem seu início na intenção do autor e, depois da produção da obra, passará por um processo dialógico com o leitor. Quando este lê, está fazendo mais do que visualizar as palavras do autor, está completando-as com novas ideias, associações com sua cultura e seus saberes em busca do significado do que está sendo lido.

Dessa forma, o ato da escrita é antes um ato de intenção ideológica, onde o leitor deve identificar nas palavras e na estrutura aquilo que presentifica o discurso, a subjetividade do texto. O processo de escrita tem início antes da materialização da obra. Quando um autor pensa no enredo, também se preocupa em como vai construir a personagem que fará parte da narrativa, como ela será formulada para que o leitor a reconstrua de forma a personificá-la.

Teóricos que escreveram sobre a criação da personagem, como Mikhail Bakhtin, em *Problemas da Poética de Dostoievski* (2013) e *Estética da Criação Verbal* (2011), e James Wood, em *Como funciona a Ficção* (2012), há muito tempo criticam a forma como este tema foi estudado ao longo da história da crítica literária. No Prefácio escrito por Todorov para *Estética da Criação Verbal*, tem-se uma contextualização acerca das concepções de Bakhtin, principalmente quanto à sua crítica ao formalismo russo, onde ele aponta que a prática de analisar as personagens não deve estar vinculada a reflexões sobre os fundamentos teóricos e filosóficos (cf. TODOROV In: BAKHTIN, 2011, p.16). O crítico búlgaro acrescenta ainda:

As tentativas mais sérias de empreender um enfoque de princípio da personagem partem dos métodos biográficos e sociológicos, mas esses métodos tampouco são dotados de uma concepção estético-formal suficientemente aprofundada do princípio estético basilar da relação entre personagem e autor, pois o substituem por relações e fatores sociais e psicológicos passivos e transgredientes à consciência criadora: a personagem e o autor acabam não sendo elementos do todo artístico da obra mas elementos de uma unidade prosaicamente concebida da vida psicológica e social. (Idem, p.7)

Desta forma a crítica bakhtiniana aponta no sentido de que a personagem não é apenas

um ornamento formal (e verbal), como se fosse uma engrenagem de um sistema, tampouco uma mera transposição da sociedade em ficção, mas uma fusão desses dois extremos, uma vez que o autor capta a realidade, utiliza-se de artifícios estilísticos para moldar um ser fictício que recebe do escritor certos discursos ideológicos, e até mesmo uma independência da voz narrativa.

Wood também trata dessa construção de um personagem, caracterizando-o como um elemento que carrega uma vida consigo. Assim, aponta que a tarefa de criação de uma personagem não é tarefa fácil e que inúmeras tentativas são realizadas todos os dias, porém acabam por se tornarem descrições que nada oferecem ao leitor além de uma mera representação de uma imagem. Também demonstra que:

Se tentar distinguir personagens principais de secundários – personagens redondos e planos – e disser que eles se diferenciam na sutileza, na profundidade, no espaço, que ocupam na página, terei de admitir que muitos personagens ditos planos me parecem mais vivos e mais interessantes como estudo humano, por mais efêmeros que sejam, do que personagens redondos a que supostamente estão subordinados. (WOOD, 2012, p. 94)

Como apresentado por Wood na citação anterior, os estudos realizados sobre a criação da personagem partem de classificações: definir as personagens planas e as redondas. O autor deixa claro que definir uma personagem, nestes parâmetros, é uma tarefa difícil, porém o que é inegável é a relação entre autor, obra e leitor, sendo que deste conjunto forma-se o significado que dá vida à personagem.

Essa relação entre obra e autor é descrita por Saramago no livro *As palavras de Saramago*, em que ele ratifica que o narrador é a voz do autor e é através dele que se constroem as personagens que darão vida e forma ao todo da obra; esta, por sua vez, representa a visão do seu criador (SARAMAGO, in: AGUILERA, 2010, p. 222). Portanto, ao analisar a personagem, deve-se ter em mente que não existe uma linha determinada que divide o real e o fictício, mas que a criação é uma junção desses dois universos em prol de um objetivo determinado pelo autor que só será efetivado no processo de leitura e significação do leitor. Não há como analisar a personagem desvinculada da pessoa que a criou, pois esta lhe conferiu a autonomia para alcançar o leitor em potencial.

Portanto, a análise de uma personagem deve ter como princípio desvendar o processo de sua criação, descobrir quais os mecanismos utilizados pelo autor, suas intenções ao criá-la, quais os caminhos que o autor traçou para que ela alcançasse o propósito de sua criação, a sua relevância e suas contribuições para o sucesso do enredo. Esse processo de criação vai além de meras descrições ou de possíveis classificações das personagens. Como proposto por Massaud Moisés, no livro *A análise literária*, o trabalho deve ocorrer de forma a abranger o todo do texto e esclarecer acerca da tarefa de se propor a realizar o estudo da construção da personagem e ainda apresentar os passos que o pesquisador deve percorrer para fazê-la:

A tarefa do analista reside no confronto entre as diversas descrições da personagem, no rumo de suas metamorfoses patentes ou recônditas. Por outro lado, a descrição procura ser integral, abarcando os aspectos físicos e psíquicos da personagem, as suas vestimentas e suas idiossincrasias: para tudo isso há de convergir a atenção do leitor. (MOISÉS, 2008, p.140)

Assim, a presente análise tem como objetivo discutir, a partir de uma perspectiva dialógica e textual, como Saramago erige a personagem José, na obra *O Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991), uma vez que este cumpre um papel importante no desenvolvimento do enredo, inclusive de cunho simbólico, demonstrando que alguns aspectos desta personagem presentes na obra original merecem, no mínimo, um olhar questionador por parte do leitor.

1. A criação antievangelista

Ao realizar uma leitura atenta da Bíblia, verifica-se que José é pouco mencionado, em poucas linhas, e, depois de algumas citações sobre sua participação na vida de Jesus, não mais aparece no enredo. Sua figura é descrita no Evangelho Segundo São Mateus, com um prólogo extraído de Lucas 3,23-38, que traz a genealogia de Jesus e traça 32 gerações até Cristo. Em seguida, no versículo 18, o evangelista conta como nasceu Jesus, e fala sobre seus pais; posteriormente, José aparece novamente apenas no Evangelho Segundo São Lucas, sendo que apenas lhe é mencionado o nome quando o anjo anuncia que Maria será mãe de do filho de Deus.

José, filho de Davi, não temas receber Maria por esposa, pois o que nela foi concebido vem do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho, a quem porá o nome de Jesus, porque ela salvará o povo de seus pecados.” Tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que o Senhor falou pelo profeta: *Eis que a Virgem conceberá e dará à luz a um filho, que se chamará Emanuel* que significa: *Deus conosco*. Despertado, José fez como o anjo do Senhor lhe havia mandado e recebeu em sua casa sua esposa. E, sem que ele a tivesse conhecido, ela deu à luz ao seu filho, que recebeu o nome de Jesus. (BÍBLIA, Mt, 1: 20-38)

Ao adentrar no universo do Evangelho construído por Saramago, percebe-se que “a sua ficção nasce de um propósito de re-escrever uma história que já está escrita, e que como tal se vive ou é vivida enquanto ‘verdade’ de uma época ou de um mundo, ou da humanidade quando ela é sua ficção não inocente” (LOURENÇO, 1994, p.187). Assim, percebe-se que o Evangelho proposto por Saramago contesta o texto original como única possibilidade para os fatos, Lourenço também apresenta argumenta que os textos escolhidos para compô-lo não são neutros, mas oriundos de diversas fontes com diversos olhares sobre a mesma situação. São histórias recontadas por pessoas diferentes, sendo que estas deixaram marcas pessoais e ideológicas nas suas produções. Sabe-se que nem todos os textos estão na Bíblia; alguns chamados de apócrifos foram retirados, outros, como os cânticos, tiveram sua função inicial modificada para servirem aos interesses do catolicismo. Para embasar a sua produção, o autor apresenta, já no início da obra, uma epígrafe que demonstra não se tratar da mesma versão da obra original, mas lhe confere a permissão de reescrevê-la.

Já que muitos empreenderam compor uma narração dos factos que entre nós se consumaram, como no-los transmitiriam os que desde o princípio foram testemunhas oculares e se tornaram servidores da Palavra, resolvi eu também, depois de tudo investigado cuidadosamente desde a origem, expor-tos por escrito e pela sua ordem, ilustre Teófilo, a fim de que reconheças a solidez da doutrina em que foste instruído. (SARAMAGO, 2005, p.05)

Este trecho, extraído do Evangelho Segundo São Lucas, é utilizado para demonstrar que a própria Bíblia é um livro composto por versões de um fato. Desta forma, Saramago se propõe a redigir um quinto evangelho, mas sobre uma proposta de um Jesus mais humano, um Deus maquiavélico e um José presente.

Assim, ao iniciar a narrativa, o autor passa a descrever a família de Jesus e utiliza-se da voz do narrador para apresentar José, pai de Jesus, que ganhará *status* de personagem mais complexa em muitas passagens. Pois, apesar de se tratar de um evangelho que, conforme indicado no título, trata Jesus como seu eixo central e representa o seu ponto de vista, o texto tem seu foco centrado nas ações de uma personagem secundária até metade do romance e que é citado até o fim.

Em voz baixa para não acordar a mulher, que continuava a dormir, pronunciou a primeira benção do dia, aquela que sempre deve ser dita quando se regressa do misterioso país do sono, Graças te dou, Senhor, nosso Deus, rei do universo, que pelo poder da tua misericórdia, assim me restituis, viva e constante, a minha alma. (SARAMAGO, 2005, p.14)

Dessa forma, cabe nesta análise discorrer sobre algumas características que compõem o processo da construção da personagem José, uma vez que esta se configura como peça-chave no desenvolvimento da obra. Por este motivo o trabalho será dividido em dois eixos temáticos: um textual e um psicológico. Neste primeiro momento serão estabelecidos os aspectos textuais.

1.1. No princípio era o Verbo

No texto bíblico, José fica em segundo plano, como já foi indicado antes, tanto que não se revela muito além de que ele é o pai terreno de Jesus, carpinteiro de ofício e homem temente a Deus. Na obra saramaguiana, o narrador constrói um José que recebe do narrador um status de protagonista até a metade do enredo, o que demonstra a importância dessa personagem para o desfecho da narrativa pretendido pelo escritor. Desse modo, analisar-se-á a narrativa como um todo que produz significado na relação entre autor, personagem e leitor. Segundo Bakhtin, o trabalho de análise deve verificar como ocorre a construção da personagem, observando a sua importância para a obra, como ela contribui e quais os mecanismos utilizados para moldá-la ao propósito para o qual ela foi criada. Desta forma, o pesquisador russo aponta que: “A verdadeira noção central da pesquisa estética não deve ser o material, mas a arquitetônica, ou a construção, ou a estrutura da obra, entendida como um

ponto de encontro e de interação entre material, forma e conteúdo” (BAKHTIN, 2011, p.17). Assim, através da releitura de um texto bíblico em que Saramago elege uma personagem esquecida pela tradição cristã para ser a base do seu romance, tal personagem também serve como símbolo da visão do autor sobre o cristianismo.

Ao criar personagens conhecidos pela História, Saramago tem sua criação limitada, como é o caso de Jesus. Esse fato também ocorre com a personagem José, uma vez que o leitor, na maioria das vezes, conhece a que personagem o autor está se referindo e tem um modelo previamente construído pelo texto religioso: “Já sabemos ser José carpinteiro de ofício, regularmente hábil no mester, porém sem talento para perfeições sempre que lhe encomendem obra de mais finura” (SARAMAGO, 2005, p.20). Sobre este aspecto, Calbucci propõe que:

Num primeiro momento, poder-se-ia dizer que a aproximação que o romancista faz do discurso histórico é uma intertextualidade louvável, que comprova a “homologia entre história e literatura”, Porém uma análise mais atenta mostrará que essa apropriação priva o autor de representar diretamente determinadas práticas sociais, já que essa representação (que é a base tradicional do romance) é feita por intermédio do discurso da História, seja ela oficial ou não. Portanto quando Saramago faz isso, ele corre o risco de que sua representação da sociedade, por ser feita de modo mediato, seja limitada. (CALBUCCI, 1999, p.103)

Por outro lado, o fato de José ser pouco mencionado na obra original, permitiu ao autor atribuir à personagem uma participação mais efetiva na história acerca do nascimento e da vida de Jesus. Desta forma, o autor lhe conferiu ações e pensamentos que são apresentados ao leitor pelo narrador, sendo que muitas delas são próprias de sua visão com relação ao cristianismo, como a utilização da culpa como instrumento de manipulação.

Ainda sobre os estudos voltados para a análise de personagens, Salma Ferraz, no *Dicionário de personagens saramaguianos*, discorrendo sobre as características do pai de Jesus, chega a indicar a participação do narrador na construção da personagem, porém não apresenta como ocorre o processo de criação, nem aponta a sua relevância para a narrativa, pois ela se detém em elencar os traços da personalidade e da vida de José.

José (*O Evangelho segundo Jesus Cristo*): Pai de Jesus e marido de Maria, obcecado pelo temor a Deus, diariamente repete bênçãos e louvores ao Senhor por não ter

nascido mulher, demonstrando o orgulho de ser varão e macho. O narrador o descreve impiedosa e pejorativamente como um homem inseguro, machista, desconfiado, misógino, indeciso, simples, estúpido, ridículo, ignorante, insensato, incompetente, desconfiado, medroso, que teve uma trajetória marcada pela culpa e pelo remorso. (FERRAZ, 2012, p.189)

Portanto, estabelecer o processo de construção da personagem é importante para compreender como é o olhar crítico de Saramago para a história e como ele a constrói. Esse movimento produz uma leitura aprofundada do texto que permite preencher as lacunas, ler as entrelinhas, identificar quais as vozes que emergem do texto e assim estabelecer a relevância da personagem José no processo da significação do conjunto da obra.

Para que seja possível penetrar no universo criado pelo autor e desvendar o seu processo de criação, é necessário estabelecer a evolução da personagem José e como ela contribui para o desenvolvimento do enredo. Já nas primeiras páginas, o narrador apresenta a personagem: “É este José do mais piedoso e justo que em Nazaré se pode encontrar, exacto na sinagoga, pontual no cumprimento dos seus deveres” (SARAMAGO, 2005, p.20). Porém, a opinião do narrador referente à personagem vai mudando à medida em que o enredo é construído. Em outro momento, ele se questiona sobre a possibilidade de ter sido injusto com José; o que demonstra que é através do discurso do narrador que se apresenta e acompanha a evolução da personagem, podendo com isso elencar a função exercida pelo narrador ao longo do romance. A citação a seguir demonstra a evolução da personagem, quando o narrador compara o José do início do romance com a que se encaminha para o clímax da primeira parte.

José passou sem dificuldade as provas de aptidão a que ligeiramente o submeteu um contramestre de carpinteiros, resultado inesperado que nos deveria fazer reflectir se não teremos andado a ser algo injustos nos comentários pejorativos que, desde o princípio deste evangelho, temos feito acerca da competência profissional de José. (SARAMAGO, 2005, p.72)

O Evangelho de Saramago surgiu a partir de uma história bíblica, que através dos séculos foi recriada, mas que o olhar do escritor transformou em uma nova narrativa. Dessa maneira, para materializar um pensamento, que emerge de sua consciência, o autor utiliza-se de um meio verbal para expressá-lo. Saramago elegeu a palavra escrita como um convite ao diálogo e à reflexão. Maria Alzira Seixo, no capítulo intitulado “Saramago e o tempo da

ficção”, presente no livro *Literatura e história: três vozes de expressão portuguesa*, aponta questões peculiares do romancista, como o estilo utilizado pelo escritor para dar vida a suas personagens, que constitui-se

numa frase de sintaxe canônica, de uma hesitação de escrita que coloca a questão da continuidade e da descontinuidade, do sujeito e do objeto, do tempo e do lugar (...) toda ela vírgulas, quase sem pontos finais, sem suportar partir-se em pontos parágrafos de descida de voz ou quebra mesmo que momentânea do sentido, a não ser em cadências específicas que marcam justamente as frases do conhecimento que se vai elaborando através da escrita no espaço concreto da página. (SEIXO In: CARVALHAL; TUTIKIAN, 1999, p.p.91-92)

Ainda a respeito das especificidades de Saramago, a autora argumenta que é através do jogo do contrário que ele rompe com velhos paradigmas e ideologias para proporcionar debates acerca das novas perspectivas de encarar as situações, a história, o mundo como ele foi, ou é posto, sob um ponto de vista diferente. Afinal, ela afirma que o olhar de Saramago volta-se para os “outros” que a História esqueceu, para as pessoas e situações comuns (idem, ibidem). Este fator pode ser observado na voz do narrador que apresenta, através de uma metáfora, essa visão de recontar a história a partir de outras perspectivas de vislumbrar os fatos, como constata-se a seguir:

Digamos agora, por respeito à verdade, que o seu pensar não foi assim tão claro, o pensamento, afinal de contas, já por outros, ou o mesmo, foi dito, é como um grosso novelo de fio enrolado sobre si mesmo, frouxo nuns pontos noutros apertado até à sufocação e ao estrangulamento, está aqui, dentro da cabeça, mas é impossível conhecer-lhe a extensão toda, seria preciso desenrolá-lo, estendê-lo, e finalmente medi-lo, mas isto, por mais que se intente, ou finja intentar, parece que não o pode fazer o próprio sem ajudas, alguém tem de vir um dia dizer por onde se deve cortar o cordão que liga o homem ao seu umbigo, atar o pensamento à sua causa. (Idem, p.27)

A versão bíblica é amplamente conhecida e tem como foco Jesus, mas Saramago apresenta-a de outro ângulo. Neste ponto, tem-se a ironia presente na obra. José, esquecido pela tradição, passa a ser a base do enredo, pois suas ações e atitudes dão andamento e fundamento à história de Jesus. Assim, a narrativa vai sendo construída e após a morte do pai de Jesus, os seus atos e seus sentimentos são peças-chaves, uma vez que são devidas a eles as decisões e atos da personagem principal.

Nas primeiras descrições feitas pelo narrador, José é apresentado como um homem que segue os preceitos religiosos, dos costumes de sua época e temente a Deus. Sendo assim, profere, todas as manhãs, louvores e confia seu destino nas mãos do seu Senhor: “Encheu-lhe o coração de temor, imaginou que o mundo ia acabar, e ele, posto ali, única testemunha da sentença final de Deus” (idem, p.17). Nesta passagem tem-se uma primeira caracterização do pai de Jesus; o narrador conhece seus sentimentos e já antecipa sua escolha para ser aquele que é testemunha de algo ruim. Posteriormente, José coloca o nascimento do filho nas mãos de Deus: “Se, chegado o último dia do recenseamento, o meu filho não for ainda nascido, será porque o Senhor não quer que os romanos saibam dele e o ponham nas suas listas” (idem, p.44). Essa outra passagem demonstra que, para José, Deus tem o domínio sobre o futuro. Esses dois trechos apresentam a visão da personagem com relação a Deus. Desta forma todas as ações de José até o nascimento do filho são realizadas pensando na tradição, nas questões religiosas, atribuídas à vontade de Deus e descritas por um narrador que sabe tudo acerca dos pensamentos e sentimentos da personagem.

Mais adiante, José escuta os soldados dizerem que vão matar os meninos de Belém e, desesperado, corre para salvar seu filho. Essa ação não evita a morte de vinte inocentes, pois o pai de Jesus não avisou ninguém do perigo que corriam as crianças, apenas pensou no seu primogênito. Tendo salvado o filho, José decide partir para Nazaré. É a partir dessa passagem que ocorre um processo de mudança quanto ao seu pensamento: ele passa a sentir remorso, pois compreende que poderia ter avisado os outros pais e dado a chance de como ele, salvarem os filhos. Seguem-se, então, os questionamentos acerca dos planos e atitudes de Deus. Concomitantemente, tem-se o ato gerador da culpa que desencadeia os pesadelos de José.

2. A culpa original

Deste ponto em diante, serão analisados os aspectos que compõem a construção psicológica da personagem José. Ao trazer para o primeiro plano o pai terreno de Jesus, o que acontece até metade do romance, Saramago se serve do que poderia ter sido escrito e não foi na obra original; na segunda parte da narrativa, porém, José fica em segundo plano, não participando diretamente no enredo. Entretanto, a culpa será o viés dialógico entre a figura de José e de Jesus; esse sentimento unirá pai e filho e servirá de base para a personagem

principal.

Portanto, ao escrever um evangelho apócrifo, Saramago apresenta subjetivamente sua crítica acerca da religião cristã: a manipulação através da culpa. Isso é representado através do sentimento que acomete o pai e se perpetua no filho, pois ao salvar o filho, José passa a culpar-se pela morte dos outros meninos, chegando, inclusive, a desencadear uma neurose, motivada pelo remorso de não ter avisado os outros pais e pela incompreensão pelo fato de Deus ter lhe permitido ouvir a conversa dos soldados.

A meio da noite, José teve um sonho. Cavalgava por uma estrada que descia em direção a uma aldeia de que já se avistavam as primeiras casas, ia de uniforme e com todos os petrechos militares em cima, armado de espada, lança e punhal, soldado entre soldados, e o comandante perguntava-lhe, Tu aonde vais (...) Vou a Belém matar meu filho. (SARAMAGO, 2005, p. 96)

Em um primeiro momento, José reflete sobre o fato de ter sido o escolhido por Deus para que, ouvindo o prenúncio das mortes avisasse das mortes que iriam acontecer; porém, mais adiante, o pai de Jesus questiona acerca de Deus que, podendo aparecer ou mandar um anjo em sonho avisar os pais do perigo que corriam seus filhos, não o fez. Assim, como ele, um simples homem, poderia ser incumbido de tal tarefa? Esses pensamentos inquietam e mexem com as estruturas psicológicas de José. Os questionamentos da personagem representam um ponto central na visão de Saramago quanto ao catolicismo. O pai de Jesus, esquecido no texto original, ressurgiu para colocar à prova os dogmas de séculos de tradição cristã. E assim, através do narrador, o autor antecipa a confissão que fará Deus a Jesus, onde demonstrará que o crime de José foi premeditado. Pode-se identificar nesta passagem o pensamento do autor quanto à misericórdia divina pregada pelo cristianismo.

Veja-se o caso de José que tendo Deus, em lugar do anjo, posto em seu caminho um cabo e três soldados faladores, não aproveitou o tempo que tinha para salvar da morte os meninos de Belém. Porém, se os bons começos de Jesus não se perderem na mudança da idade, talvez ele venha a querer saber por que salvou Deus a Isaac e nada fez para salvar os tristes infantes que, inocentes de pecado como o filho de Abraão, não encontraram piedade perante o trono do Senhor. E, assim sendo, Jesus poderá dizer ao seu progenitor, Pai, não tens de levar contigo toda a culpa, e, no segredo do teu coração, quiçá ouse perguntar. Quando chegará, Senhor, o dia em que virás a nós para reconheceres os teus erros perante os homens. (SARAMAGO, 2005, p.117)

O remorso que José sente gera uma culpa que, estando no inconsciente, culmina em pesadelos que o atormentam. Quando ele decide ir a Belém buscar seu vizinho, Ananias, é confundido com um dos rebeldes e ao ser questionado quanto a sua inocência, ele se cala. Com isso, consente a sua culpa. Então é crucificado. O texto original não menciona como José morreu, pois ele simplesmente desaparece da história. Já Saramago constrói um final para a personagem; além disso, ela continua a ser mencionada até o fim do romance através do protagonista.

Com a morte de José, Jesus herda suas sandálias, sua túnica e seu pesadelo. Assim, a culpa do pai passa para o filho; essa herança fica explícita numa afirmação feita por outra personagem, um sacerdote: “A culpa é um lobo que devora o filho depois de ter devorado o pai” (SARAMAGO, 2005, p.175). Jesus passa a ter pesadelos. Atormentado, questiona Maria sobre os sonhos que o pai tinha, e ao saber da história de seu nascimento passa a sentir-se culpado por ter sido o motivo da omissão do pai que resultou na morte dos meninos. “Aí tens, aceita as palavras do teu pai, Aceitei-as enquanto viveu, mas agora sou o chefe da família, herdei dele uma túnica, umas sandálias e um sonho, com isso já poderei ir-me ao mundo” (idem, p.151). Por este motivo, Jesus decide sair de casa para buscar respostas.

É nesse momento que Jesus passa a percorrer todos os lugares pelo qual o pai passou. Portanto, a culpa é a alavanca para o restante do enredo se concretizar. O filho carregará consigo o remorso, como o pai fez por se sentir culpado da morte dos meninos. No caso de José por não ter evitado, no de Jesus por ter sido a causa.

Pela visão saramaguiana, a culpa vem sendo através de milênios instrumento de manipulação, que passa de pai para filho. No romance, essa concepção fica clara em passagens como esta: “Disse o anjo, Sobre a cabeça dos filhos há-de sempre cair à culpa dos pais, a sombra da culpa de José já escurece a frente de seu filho” (idem, p.93). Para o cristianismo todos nascem pecadores, pois nascemos marcados pelo erro de Adão e Eva ao comerem o fruto proibido. A culpa que herdamos é renunciada através do batismo. Porém, vive-se buscando o perdão para as ações que, segundo os conceitos axiológicos cristãos, são considerados pecados. Seguem-se os dogmas impostos pelo cristianismo em busca da salvação que só virá através do arrependimento. Assim a salvação é o resultado do arrependimento dos pecados.

No Evangelho escrito por Saramago, Jesus questiona sobre como proceder para que o império do Senhor se expanda, conquista essa, pretendida, por Deus, com a com a morte do próprio filho. Assim a ordem oriunda do pai divino de Jesus é de que o arrependimento dos pecados seja usado como instrumento de manipulação, afinal tendo o homem nascido pecador, não terá um só em toda a terra que não desejará a salvação:

(...) única palavra que nenhum homem pode repelir como coisa que não é sua é Arrepende-te, porque todos os homens caíram em pecado, nem que fosse uma vez só (...) faltaram aos deveres e ofenderam a religião e os seus ministros e renegaram a Deus, a esses homens não terás de dizer mais do que Arrependei-vos. (Idem, p.314)

Essa concepção acerca do arrependimento também se apresenta quando José, preso como rebelde, podia ter tentado se salvar, alegando inocência, mas compungido do seu ato, aceita sua condenação como parte do castigo pela culpa que sente. O narrador questiona sobre o fato de um pai humano não pensar duas vezes antes de salvar o filho, enquanto que Deus todo poderoso o entregará à morte. É importante notar que, embora a personagem chegue a questionar sua culpabilidade, no sentido de atribuí-la às ordens divinas, Deus se isenta da mesma, enquanto o pai de Jesus, simples mortal, é finalmente consumido por ela. Jesus, por sua vez, herda uma culpa que não lhe pertence.

Durante a conversa com Jesus, Deus lhe afirma: “Se cumprires bem o teu papel, isto é, o papel que te reservei no meu plano (...) passarei de deus dos hebreus a deus dos que chamaremos católicos, à grega, E qual foi o papel que me destinaste no teu plano, O de mártir, meu filho (...)” (idem, p. 309). Também a ação de José foi premeditada por Deus, o que o confirma como peça fundamental nos planos que este traçou para Jesus. “Tudo o que era necessário acontecer aconteceu, faltavam estas mortes, faltava, antes delas, o crime de José” (idem, p.93). Em ambas as revelações, apresentam-se as concepções de Saramago acerca do cristianismo, no sentido de que elas explicitam as funções ideológicas coercitivas de seus dogmas, bem como os questionamentos do autor que se contrapõem a eles, o que se dá principalmente pelas ações e palavras de José.

Considerações finais

Elencou-se, em um primeiro momento, as características presentes na construção da personagem José no romance *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, quando se verificou que ela segue os aspectos característicos da estilística do autor, como a utilização de metáforas e inversões metalinguísticas. A caracterização se dá de forma implícita, levando o leitor a formar a visão de José não pela descrição física, mas através de seus atos e pensamentos. O autor revisita o texto original, atribuindo a uma personagem que na tradição cristã cumpre um papel secundário uma função primordial no enredo. Sendo este um homem comum que, ao salvar o filho da morte, desencadeia o sentimento motor do romance, a culpa. Saramago utiliza-se da voz do narrador para construir essa personagem basilar, pois é através dela que as ações e sentimentos do protagonista são fundamentados.

A personagem José é construída para sentir-se culpada, seus pesadelos são reflexos do sentimento de remorso e representam a visão da culpa imposta pelo cristianismo, pois o pai de Jesus é, em um primeiro momento, um homem comum da sua época, que segue os preceitos da religião; sente-se culpado por algo que não estava ao seu alcance solucionar e mesmo tendo agido em nome do amor que sente pelo seu filho. José também carrega marcas da visão crítica do autor, que se vale dele para apontar que o cristianismo tem seus pilares construídos no sentimento da culpa, e que os fieis são induzidos a buscar, eternamente, o arrependimento como forma de salvação.

Referências

- AGUILERA, Fernando Gómez. (Sel. e org.) *As palavras de Saramago*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Estética da criação verbal*. Trad.: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BIBLÍA. Português. *Bíblia Sagrada*. Tradução Frei João José Pereira de Castro. Editora Ave-Maria. ed. Claretiana-155ª ed. 2002.
- BRAIT, Beth. *Bakhtin: conceitos chave* / Beth Brait, (org.). 5. Ed. – São Paulo: contexto, 2012.

- CALBUCCI, Eduardo. *Saramago: um roteiro para os romances*. Cotia: Ateliê Editorial, 1999.
- CANDIDO, Antônio [et al]. *A Personagem de ficção*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009.
- CARVALHAL, Tania Franco. TUTIKIAN, Jane. *Literatura e história: três vozes de expressão portuguesa*. Porto alegre: ed. Universidade/UFRGS, 1999.
- CERDEIRA, Tereza Cristina. *O avesso do Bordado: Ensaios de Literatura*. Lisboa: Caminho, 2000.
- FERRAZ, Salma. *Dicionário de personagens da obra de José Saramago*. Blumenau: Ed. Edifurb, 2012.
- LOURENÇO, Eduardo. *O Canto do Signo: existência e literatura*. Editorial Presença, 1ªed. Lisboa, 1994.
- MOISÉS, Massaud. *A análise literária*. São Paulo: Cultrix, 2008. São Paulo.
- SARAMAGO, José. *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. São Paulo: companhia das Letras. 2005.
- WOOD, James. *Como funciona a ficção*. 1ª ed. São Paulo. Cosac Naify, 2012.